

# DO "TRATADO DA ALMA" AO "HOMEM-MÁQUINA". A POSSIBILIDADE DE EXPLICAÇÃO DO HOMEM UNICAMENTE PELA MATÉRIA

ELAINE ROMERO

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro-RJ. Este trabalho concorreu ao Prêmio de Pesquisa Castelo Branco, na categoria "professor", obtendo, em 1998, o primeiro lugar.

## RESUMO

*O objetivo desta pesquisa documental foi analisar o pensamento de La Mettrie, que sustentava a explicação do homem unicamente pela matéria. A análise centrou atenções em suas obras, *Traité de l'âme* (Tratado da Alma) e *L'Homme Machine* (O Homem-Máquina). Para tanto, foi feita uma incursão na literatura estrangeira por se tratar de um autor pouco conhecido nacionalmente, uma vez que, até o presente momento, com base nas buscas de várias fontes de consulta nacional, nada foi acenado que possibilitasse qualquer evidência de um estudo feito anteriormente sobre o filósofo da *Aufklärung*, no intuito de auxiliar àqueles que se interessam pela temática do corpo/corporeidade.*

*PALAVRAS-CHAVE: mecanicismo; homem-máquina; motricidade; epistemologia*

## INTRODUÇÃO

La Mettrie viveu na 1ª metade do século XVIII e foi um dos maiores representantes do pensamento libertino de sua época. Recusando qualquer submissão aos cânones do pensamento tradicional, manifestando sempre uma profunda intolerância para os preconceitos. Nunca recuou tampouco aceitou soluções de compromisso com aqueles que representavam o poder, a ordem e a lei.

Foi médico militar, mas foi obrigado a demitir-se após a publicação da *História Natural da Alma*. Readmitido mais tarde num hospital de Flandres, deu continuidade às atividades de escritor polêmico, provocando a hostilidade dos colegas e do poder, até levá-lo ao exílio na Holanda. Exilado, redige o célebre *Homem-Máquina*, obra esta que consegue a proeza de congregar contra ele a cólera de médicos, filósofos, teólogos, em suma de todos quantos significavam poder e influência. Também a Holanda o rejeita e o persegue e só Berlim o acolhe até a morte. Na hospitalidade de Frederico II encontraria finalmente as condições de trabalho de livre pensador, que nem a França, nem a tolerante Holanda souberam proporcionar-lhe.

A sua formação em medicina permitiu-lhe ultrapassar largamente a visão tradicional da filosofia, de influência predominantemente cartesiana, da qual sentiu os efeitos, e perspectivar as suas teses, recorrendo sempre às descobertas científicas do seu tempo. Contudo foi um dos mais incompreendidos e caluniados filósofos do seu tempo, porque as suas investigações, que conseguiram aliar os conhecimentos científico-naturais, próprios da sua formação de médico a uma sólida cultura literária e filosófica, transcendiram, em muito, o espírito da sua época.

La Mettrie foi, antes de mais nada, um médico, por isso não é de se estranhar que a sua preocupação tivesse sido o homem. E foi precisamente essa formação que lhe permitiu analisar, em si próprio, os efeitos da doença, em particular as perturbações causadas na sua consciência por um acesso de febre alta, que o transportou de um estado de normalidade ao quase delírio ou mesmo à perda de consciência. Esta experiência pessoal seria o vetor de orientação da pesquisa filosófica. Com esforço e perseverança na compreensão dos fenômenos que pôde observar em si próprio, dedicou-se desde sua convalescença a observar e a explicar, através da fisiologia e da anatomia, as funções do entendimento, acabando por concluir que a matéria é suficiente para tudo explicar e que o pensamento não é senão uma consequência da organização do nosso cérebro e do sistema nervoso.

Escreveu, então, na sequência desta descoberta, a *História Natural da Alma*, mais tarde intitulada *Tratado da Alma*, no qual expõe suas concepções a respeito das funções psíquicas, tomando como única base a explicação das funções fisiológicas. Seria a sua primeira obra filosófica. Na condição de médico aborda a filosofia e a crítica. Condena-lhe

a incerteza dos raciocínios e a inutilidade dos conceitos. Para ele, a medicina, ao enveredar pelo respeito das verdadeiras causas e dos fenômenos reais, seria mais filosófica que a filosofia praticada pelos filósofos, de vasta influência cartesiana.

Definido o ponto de partida da investigação filosófica de La Mettrie, explicitaremos a metodologia que adotou. Seu espírito científico não lhe permitira outra coisa senão a mais estreita ligação aos fatos e a sua interpretação racional. De seu método consta a razão guiada pelos sentidos, o que substitui a discussão metafísica e teológica pelo uso da *Observação* e pela *Razão*.

No *Tratado da Alma* revela sua formação filosófica, mediante estudo dos clássicos, dos empiristas ingleses, sobretudo Locke, e, ainda, sob influência de Gassendi e Descartes. Contudo é importante referir os escritos mais ou menos clandestinos e anônimos de materialistas franceses como o Padre Jean Meslier, de cujo conceito de matéria La Mettrie muito se aproxima. A sua obra póstuma *O Meu Testamento* foi datado entre 1729 e 1733, e várias cópias manuscritas começaram a circular desde então. Supõe-se que La Mettrie tenha tomado conhecimento do seu conteúdo, dada a semelhança de alguns conceitos e objetivos, como a concepção materialista do mundo e a preocupação em ultrapassar o dualismo cartesiano.

Mas foi precisamente Descartes, a quem vê como mecanicista e materialista, seu grande inspirador e o seu ponto de partida. É curioso ver que a ele se refere no *Tratado da Alma* como sendo um "gênio feito para abrir novos caminhos e desviar-se deles". A influência de Descartes, com seu mecanicismo, conduziu-o desde o *Tratado da Alma* ao *Homem-Máquina*, até concluir a unidade mecanicista do mundo. O empreendimento que se segue será o de explicitar, em La Mettrie, toda a origem do conceito de matéria e das funções do entendimento, isto é, sua concepção do Homem. Esta análise permitir-nos-á ainda acompanhar a sua evolução intelectual, e suas contradições, que o conduziram de anticartesiano e escolástico, no *Tratado da Alma* à recuperação de Descartes e abandono das categorias aristotélicas no *Homem-Máquina*.

## ANÁLISE DO *TRATADO DA ALMA*

Tendo como objetivo a compreensão e explicação do Homem e do ser vivo, a análise do conceito de matéria foi sua primeira preocupação fazendo-se sentir no *Tratado da Alma*. Partiu da leitura do *Tratado do Homem* de Descartes e em seguida da sua própria experiência da doença, para interrogar-se, nos termos da mais pura tradição cartesiana, sobre a alma, o corpo e as suas relações. E se em Descartes foi possível encontrar uma longa especulação sob o acordo entre as duas substâncias, em La Mettrie, que analisa em si próprio as manifestações do físico e do psíquico e constata como o equilíbrio deste depende da integridade daquele, todo o esforço intelectual se encaminha

no sentido de reclamar a “unidade do homem material”. A partir daí, sustentaria sempre que a concepção de uma alma independente e diferente do corpo era pura ilusão e que as nossas funções mentais seriam rigorosamente condicionadas pelas funções do nosso organismo.

Esta temática é desenvolvida no *Tratado da Alma* com a seguinte declaração:

Não é nem Aristóteles, nem Descartes, nem Malebranche que vos ensinarão que é a vossa alma. Em vão vocês se atormentam por conhecer a natureza, isso desagrada à vossa vaidade e à vossa indocilidade, é preciso que vocês se submetam à ignorância e à fé. A essência da alma do homem e dos animais é e será sempre tão desconhecida como a essência da matéria e dos corpos. Digo mais, a alma separada do corpo por abstração assemelha-se à matéria considerada sem forma alguma: não se pode conceber. A alma e o corpo foram feitos em conjunto no mesmo molde, disse um grande teólogo que ousou pensar.

Aquele que quiser conhecer as propriedades da alma, deve pois em primeiro lugar procurar aquelas que se manifestam claramente nos corpos de que a alma é o princípio ativo [La Mettrie, 1966, p. 125].

Esta reflexão conduz naturalmente a se pensar que não há, de modo nenhum, guias mais seguros que os sentidos. E prossegue: “[...] Aqui têm meus filósofos. Por muito mal que se diga, apenas eles podem esclarecer a razão na pesquisa da verdade será a eles que será sempre preciso voltar quando se quiser seriamente conhecê-la” (Idem, *ibidem*). Podemos então, desde o início do *Tratado da Alma* assinalar o fim do dualismo cartesiano, isto é da tese de que o “Homem” é composto por duas substâncias distintas; *res cogitans*, substância não extensa e pensante e *res extensa* ou corpo. Estas duas substâncias seriam independentes e reciprocamente irreduzíveis.

A característica mais controversa do dualismo cartesiano seria, para La Mettrie, a sua insistência na não corporalidade do espírito e na possibilidade do pensamento existir sem qualquer suporte material. Esta questão já tinha sido anteriormente assinalada pelo padre Meslier que, com muita ironia, a ele se referiu do seguinte modo: “será possível que os cartesianos pensem que todos os pensamentos dos homens sejam substâncias que poderiam subsistir por si só fora das suas cabeças e esvoaçar no ar tal como as moscas? Seria bonito ver sair da cabeça de todos os homens tais enxames de pensamentos” (Callot, 1965, p. 56).

Nestas críticas ao dualismo cartesiano, teremos sempre que reconhecer que seu principal autor e inspirador durante mais de um século, foi Gassendi. Foi ele que logo após a publicação das “Meditações Metafísicas” se envolveu em acesa polêmica com o próprio Descartes, rejeitando claramente a doutrina da separação da alma e do corpo. Para Pierre Naville, todos os filósofos que um século mais tarde criticaram o dualismo cartesiano retomaram os argumentos de Gassendi que considerava que, uma alma

suspensa de Deus só poderia ser um erro e um corpo substancialmente privado de alma, isto é, de energia, aptidão às reações, de motricidade, não seria senão uma matéria inerte, o que tornaria inexplicável toda a atividade própria do "Homem".

Com base nas categorias aristotélicas, La Mettrie define a unidade do Homem como a ligação de uma matéria e de uma forma, colocando assim o fim da existência das duas substâncias cartesianas. Ao admitirmos a solidariedade dos dois princípios, estamos perante a afirmação de um monismo materialista. As dúvidas de La Mettrie levaram-no a questionamentos acerca das propriedades da alma. De acordo com suas palavras: "Se há nos corpos um princípio motor e que seja provado que este mesmo princípio que faz bater o coração, faça também sentir os nervos e pensar o cérebro seguir-se-á claramente que é a este princípio que se dá o nome de alma" (La Mettrie, 1966, p. 126).

Ao procuramos as manifestações da alma nos corpos, temos que o fazer através dos sentidos. Colocam-se assim, os sentidos no papel de esclarecedores da Razão na sua pesquisa. Neste entendimento, temos então inicialmente um La Mettrie empirista, que vai fazer o seu percurso até ao materialismo, além de se inscrever numa linha sensualista. O filósofo questiona: o que é que os nossos sentidos podem descobrir na matéria, considerada em si mesma? Descobriam nela duas propriedades, que são: o fato de poder receber diferentes formas, o que lhe permite adquirir a força motriz e a faculdade de sentir, e a extensão, que La Mettrie reconhece mas não pela essência da matéria em que a extensão não é a única propriedade da matéria – aqui mais uma vez critica implicitamente Descartes por ter querido reduzir a essência da matéria à extensão – será necessário então considerar dois outros atributos, a força motriz ou movimento e a faculdade de sentir.

Este conceito de matéria não é totalmente original. Algo muito semelhante, de aproximadamente 15 anos antes, constava na obra do padre Meslier, em Callot (1965, p. 55),

Basta-nos apenas supor, por exemplo, que a matéria é eterna, que ela é o que é por si própria e que tem o seu início em si mesma. [...] Porque, em primeiro lugar, vemos claramente que a matéria existe e não é um ser imaginário ou quimérico. Em segundo lugar facilmente vemos que uma certa porção ou extensão de matéria é capaz de divisão e que toda a matéria é capaz de movimento; [...] sendo assim, porque não poderemos supor, então que a matéria é de fato eterna e que se move efetivamente por si própria [...] Porque somente a idéia de uma matéria universal que se move em diversos sentidos e que, graças a essas diversas configurações das suas partes, se pode diariamente modificar de mil maneiras diferentes, nos mostra claramente que tudo o que existe na natureza se pode fazer através de leis naturais do movimento e através da configuração, combinação e modificação das partes da matéria.

Se a matéria pode adquirir diferentes formas e através destas tornar-se uma outra

substância, coloca-se o problema de saber de onde lhe veio esta forma. De uma outra substância de natureza material e esta de uma outra assim até o infinito. Admite-se assim a existência de uma energia intrínseca, um movimento espontâneo, para além da substância dos corpos. O que La Mettrie chama forma, encontramos em suas próprias palavras: "Consiste nos diversos estados ou nas diferentes modificações que recebem o ser ou a sua existência da própria matéria [...] Elas constituem todos os diferentes estados destas substâncias; é por eles que ela toma todas as diversas formas dos corpos, e que constitui estes corpos. [...] Não examinaremos aqui qual pode ser a natureza destes princípios [...] É suficiente confessar que é desconhecido" (La Mettrie, 1987, p. 131).

Deste modo, percebemos que a atividade constatada nos corpos é proveniente desses princípios pelos quais o corpo é incitado não só a mover-se mas também a sentir. Este princípio é inerente à matéria. E no entender do autor,

Era suficiente para os antigos olhar para todos os fenômenos da natureza para descobrir na substância dos corpos a força de se mover por ela própria. Com efeito ou esta substância se move por ela própria ou quando está em movimento é uma outra substância que lho comunica. Mas vê-se nesta substância outra coisa que ela própria em ação e se por vezes ela parece receber um movimento que não tem, será que o recebe de uma outra causa que não este mesmo gênero de substância cujas partes agem umas sobre as outras? Se supomos pois um outro agente eu pergunto quem é ele e quem nos dá as provas da sua existência, mas porque não temos a menor idéia não é mesmo um ser de Razão [La Mettrie, 1987, p. 136-37].

Se com Descartes se admite que a atividade que constatamos na matéria deve ser proveniente de um princípio, pelo qual os corpos são incitados a se moverem, e que esse princípio é exterior à matéria, temos que supor um agente exterior capaz de lhe imprimir movimentos. Esse agente será Deus. La Mettrie (1987, p. 138) assinala: "Descartes [...] pretendeu [...] que Deus era a única causa eficiente do movimento, que o imprimiu a cada instante em todos os corpos, mas este sentimento não é senão uma hipótese que teve o cuidado de ajustar às luzes da fé e então já não se podem convencer senão pela força da evidência".

Depois de apresentados os argumentos acerca da existência dos atributos anteriores, isto é, a extensão e a força motriz, restou a La Mettrie demonstrar a existência do terceiro atributo, a faculdade de sentir. Colocando-se mais uma vez em oposição a Descartes, considera que eles e os seus seguidores tudo fizeram para despojar a matéria destes atributos com o seu sistema sobre o automatismo dos animais. E para melhor ilustrar, são essas as suas palavras:

A experiência não nos prova menos a faculdade de sentir nos animais, do que nos homens [...]. A linguagem de convenção, quero dizer, a palavra, não é o sinal que a exprime melhor: há um outro, comum aos homens e aos animais, que a exprime com



mais certeza: falo da linguagem afetiva [...] uma linguagem tão enérgica que tem muito mais força para nos convencer do que todos os sofismas de Descartes para nos persuadir [La Mettrie, 1987, p. 139-40].

Descartes recusa todo o sentimento, toda a faculdade de sentir aos animais, ou à matéria de que ele supõe que os animais são unicamente feitos. Para ele, se os animais não têm figura humana, a anatomia comparada mostra-nos que os órgãos dos sentidos, com algumas modificações, são absolutamente os mesmos nos homens e nos animais. La Mettrie conclui que não conhecemos nos corpos senão a matéria e não observamos a faculdade de sentir senão neste corpos. Admitidos estes três atributos da matéria, La Mettrie considera que, para que eles passem ao ato, é necessário que a matéria revele as suas “formas substanciais” próprias, que serão seres capazes de atualizar na matéria, as suas faculdades de se mover e de sentir. E segundo sua afirmativa:

Não parece [...] que estas propriedades possam ser postas em exercícios antes que estas substâncias sejam por assim dizer habilidade de algumas formas que lhe dêem a faculdade de se mover e de sentir. É por isso que os antigos olhavam estas formas como fazendo parte da realidade dos corpos e daí vinha que elas eram nomeadas formas substanciais [...]. Os antigos não tinham dados de formas substanciais senão às modificações que constituem essencialmente os corpos e que lhe dão a cada um os caracteres decisivos que os distinguem um do outro [La Mettrie, 1987, p. 143-44].

Com mais um retorno à categoria aristotélica de “formas substanciais” é que La Mettrie faz a caracterização do seu conceito de matéria. E continuando a recorrer a Aristóteles, considera que podem distinguir-se duas espécies de formas substanciais nos corpos vivos, aquelas que constituem as partes orgânicas destes corpos e aquelas que são olhadas como sendo o seu princípio de vida. É a esta última que foi dado o nome de Alma. Teríamos assim três tipos de Alma: *Vegetativa, Sensitiva e Racional*.

Só após ter explicitado o seu conceito de matéria é que La Mettrie considera ter condições para se entregar ao estudo da estrutura dos órgãos e das suas funções, procurando atingir o seu principal objetivo: o estudo dos sentidos e das sensações, o que lhe permitiria, a partir de um fundamento fisiológico, entender as perturbações patológicas causadas pelas lesões orgânicas.

Se a matéria é concebida em La Mettrie, como o material capaz de explicar tudo que há de existente na Natureza, isto é, tanto as coisas brutas, como os seres vivos, teve que conter em si todos os compostos dos quais as coisas e os seres são feitos, o poder de engendrar o movimento, a vida e o espírito; seria uma matéria animada por ela própria na qual suas potencialidades se manifestariam segundo as formas de que se reveste. Como bruta, só manifestaria a inércia, conservando em potência, as suas outras propriedades. Como viva, deixaria aparecer sua Alma Vegetativa, Sensitiva e Racional.

Se observarmos os fenômenos que se desenrolam nos seres organizados, veremos que podem ser distribuídos facilmente em duas espécies de manifestações de vida, de onde se podem abstrair duas espécies de almas: Vegetativa e Sensitiva. A terceira, a Alma Racional, estaria ligada à Sensitiva.

Para o autor, a Alma Vegetativa explica todas as funções que tendem para o crescimento dos corpos e para manutenção da espécie, isto é, a nutrição e a reprodução. "Os antigos entendiam por Alma Vegetativa a causa que dirige todas as operações de geração, nutrição e crescimento de todos os corpos vivos" (La Mettrie, 1987, p. 148).

Nos animais e no Homem têm lugar outras manifestações, que exigem outra faculdade: a Alma Sensitiva. Esta, na sua forma mais simples, seria identificada com a própria sensibilidade e irritabilidade que existe nos tecidos. "O princípio material ou a forma substancial que nos animais sente, discerne e conhece e geralmente chamada pelos Antigos, Alma Sensitiva" (La Mettrie, 1987, p. 151). A Alma sensitiva está estritamente ligada ao cérebro. Tomando o cérebro como a sede da Alma, La Mettrie procura precisar, com a exatidão possível, os locais onde se exercem as faculdades conscientes e atuantes.

É ao cérebro que chegam todas as sensações, daí a importância do estudo do sistema nervoso. "Muitas experiências nos fizeram conhecer que é efetivamente no cérebro que a Alma é afetada pelas sensações próprias do animal, porque, quando esta parte é consideravelmente ferida, o animal não tem mais sentimento, nem discernimento, nem conhecimento" (La Mettrie, 1987, p. 152). É no nível dos nervos cranianos que se realiza a tomada de consciência das impressões externas e, portanto, é aí que nascem as sensações. Este setor é ele próprio dividido segundo a natureza das impressões recolhidas e, conseqüentemente, segundo o resultado dos nervos especializados vindos dos órgãos dos sentidos e de todo o corpo. Aqui, La Mettrie parece esboçar uma antecipação do que veio a chamar-se anos mais tarde, com Gall, a Teoria das Localizações Cerebrais, que se revelou fundamental para a compreensão da fisiologia e da fisiopatologia do Sistema Nervoso Central.

La Mettrie dedica-se aqui a estudar os sentidos, a origem das sensações, chegando a definir as suas leis. Para ele toda sensação está ligada ao movimento e só pode ser provocada por ele. No entanto não descarta o aviso de que as sensações não representam as coisas tal como são em si mesmas, ressalvando que o erro só ocorre quando julgamos precipitadamente as suas relações. Empreende então uma minuciosa descrição de todas as operações da Razão em termos de psicofisiologia. Analisa em primeiro lugar as idéias, que considera como as sensações, localizadas no cérebro. As idéias não são mais que certas relações entre as sensações e quanto mais estas relações são numerosas mais a idéia é geral. As idéias estão ligadas às sensações particulares que são as palavras e estas permitem retê-las, acumulá-las e transmiti-las.



A memória resulta da proximidade dos lugares onde residem as lembranças e tem um papel fundamental porque sem ela não haveria palavra nem conhecimento das coisas, nem sentimento íntimo da nossa própria existência. A imaginação é o aparecimento de pseudo-sensações sob o efeito de um excitante interno ou externo e existe em estado puro no sonho.

As paixões nascem sob o efeito da dilatação ou da constrição dos vasos sanguíneos por efeito de um influxo nervoso suscitado por uma imagem ou uma idéia. São elas que fornecem as sensações de agradável e desagradável. Diz ele: "Explicamos a memória, a imaginação e as paixões, faculdades da Alma que dependem visivelmente duma simples disposição do 'sensorium' o que não é senão um puro arranjo mecânico das partes que formam a medula do cérebro" (La Mettrie, 1987, p. 183).

Entretanto, há outro gênero de faculdades corporais que se ligam à Alma Sensitiva e que, segundo La Mettrie, dependem mais dos órgãos dos sentidos; neste caso encontram-se as *inclinações*, os *apetites* e o *instinto*. Os sentimentos são vistos como modificações da Alma Sensitiva. Podem ser especulativos, se relativos ao conhecimento, ou afetivos, se agradáveis, bons ou maus, mas provêm sempre de impressões e de causas corporais.

Para La Mettrie a origem da felicidade ou do desgosto provém da maior ou menor concordância dos nossos órgãos sensoriais com as impressões recebidas. "As sensações que nos afetam decidem a Alma a querer ou não querer amar ou odiar estas sensações, segundo o prazer ou o desgosto que nos causam, este estado de Alma assim decidido pelas sensações chama-se vontade" (La Mettrie, 1987, p. 193). E a vontade é, por isso, uma tendência a agir sob o efeito do caráter agradável da sensação. Considera, no entanto, ser necessário não confundir a vontade com liberdade, porque esta só aparece depois de uma tomada de decisão.

Podemos concluir que toda a vida afetiva, voluntária e especulativa, não é senão uma modificação perpétua da alma sensitiva sob o efeito de um agente interno ou externo, isto é, de uma sensação. Mas nos últimos parágrafos, em que La Mettrie (1987, p. 206), encerra suas considerações sobre a Alma Sensitiva, ele mantém uma prudente reserva acerca de tudo o que não podemos verificar pela experiência, admitindo também que todas estas reflexões não nos poderão levar mais longe que aquilo que a própria experiência nos permite verificar.

[...] ignoramos que qualidades deve adquirir o princípio material sensitivo para ter a faculdade imediata de sentir, não sabemos se este princípio possui este poder em toda a sua perfeição, desde o primeiro instante que habita um corpo animado [...] Eu não pergunto o que conduz este princípio à morte, se ele conserva esta imediata faculdade de sentir. [...]. Estas questões são duma natureza a manter-se eternamente indecisa. É preciso confessar [...] que não sabemos nada para além do que nos ensinam as sensações.

La Mettrie analisa o funcionamento da Alma Racional, para concluir o seu *Tratado da Alma*. Esta teria como faculdades próprias as percepções intelectuais, a liberdade, a atenção, a reflexão, a ordem e o arranjo de idéias, o exame e o juízo. Considera as percepções intelectuais como tomada de consciência de uma relação entre sensações, assim como o juízo, uma combinação de idéias e um raciocínio, uma compreensão de juízos. Em relação à Alma Racional não seria senão a Alma Sensitiva, mas aplicada a analisar as idéias e a refletir. É a sensibilidade aplicada às idéias que, como dissemos, não são mais que certas relações entre sensações, em continuação direta com a sensibilidade aplicada às sensações, não havendo por isso nenhuma continuidade entre Alma Sensitiva e Alma Racional.

Parece, portanto, demonstrado que todo conhecimento, mesmo o especulativo e intelectual, é explicado pela sensação. É esta tese sensualista que pensamos de influência direta de Locke, que justifica, remetendo para a experiência, a formação de todos os nossos pensamentos. E do mesmo modo que em relação à Alma Sensitiva, notamos também as mesmas reticências prudentes sobre a Alma racional, quando considera que sobre a sua Natureza nada sabemos e que, "Só a Fé pode fixar a nossa crença na Natureza da Alma Racional" (La Mettrie, 1987, p. 219).

Ficou demonstrado que a Alma Racional tem funções mais extensas e complexas que a Alma sensitiva, porque esta se limitava aos conhecimentos suscetíveis de serem também adquiridos pelos animais, e que estas funções vão até as percepções e especulações intelectuais. La Mettrie considera, tal como já os antigos o tinham feito, que estas faculdades procedem apenas do corpo, já que este no Homem é muito mais rico e complexo que nos animais. E se nem todos os Homens têm o mesmo grau de inteligência, isso decorreria da melhor ou pior organização corporal e não da natureza da Alma.

Podemos verificar também que as causas que produzem alterações nos órgãos, perturbam e alteram também o espírito e podem tornar imbecil o Homem mais inteligente. Daí concluímos que, na concepção de La Mettrie, a perfeição do espírito, isto é, da Alma Racional, consiste na excelência das faculdades orgânicas do corpo humano. Tomando suas palavras temos: "E se estas provas não foram até aqui solidamente refutadas é porque assentam em fatos, e de que servem todos os raciocínios contra experiências incontestáveis e observações cotidianas" (La Mettrie, 1987, p. 220).

É precisamente com o relato de vários casos que apoiam a teoria de que todas as idéias vêm dos sentidos, que La Mettrie termina o *Tratado da Alma*. Aí encontramos a história de um surdo, de um cego e de uma criança selvagem, que provam que as nossas proposições abstratas, longe de serem inatas, não aparecem senão numa certa fase do desenvolvimento mental ou nunca chegam a manifestar-se, quando faltam determinadas condições. Onde está então a Alma imortal e divina? E que necessidade temos nós dela se as nossas faculdades, mesmo as mais específicas da espécie humana se explicam pela

anatomia e pela fisiologia? Que necessidade há, pergunta La Mettrie, em forjar um ideal, uma alma, já que uma "sã e razoável filosofia confessa francamente que não conhece este ser incomparável que adornaram com o belo nome de Alma e com atributos divinos" (La Mettrie, 1987, p. 222). E La Mettrie (1987, p. 243) termina o *Tratado da Alma* com a seguinte conclusão:

Não há idéias.  
Quanto menos se tem sentidos, menos se tem idéias.  
Pouca educação, poucas idéias.  
Nenhuma sensação recebida, nenhuma idéia [...].  
Portanto, a Alma depende essencialmente dos órgãos do corpo com os quais se forma, cresce e enfraquece.

## ANÁLISE DO HOMEM-MÁQUINA

Dando continuidade às idéias no *Tratado da Alma*, La Mettrie escreveu, cerca de três anos mais tarde, o *Homem-Máquina*. Esta obra marca uma evolução considerável nas teses que dizem respeito à matéria, apontando a evolução do pensamento do autor de forma sensível, manifestando-se de um modo geral por um melhor recurso ao método experimental e à doutrina materialista.

No *Tratado da Alma*, encontramos ainda muitas idéias clássicas, retiradas da metafísica Aristotélica, com a distinção de matéria e forma, formas substanciais ou teoria das três almas. No *Homem-Máquina*, o seu método é rigorosamente racional, notando-se a preocupação constante em apoiar cada uma das suas afirmações em fatos retirados da experiência. Também os termos se tornam mais claros. Aqui já não parte da consideração da matéria inerte para explicar o movimento, a vida e o sentimento, por junção de um outro princípio que lhe era imanente. Prefere recorrer às experiências científicas que mostram que um pólipo de água doce é capaz de movimento autônomo e que, cortado em pedaços, dá origem a outras tantas formas de vida.

La Mettrie recorre, também, às investigações do suíço Haller sobre a iritabilidade muscular e a capacidade que apresenta a fibra viva de reagir a um estímulo, por um movimento de contração, mesmo no caso de órgãos separados do corpo. Estas descobertas o levam a abandonar a noção de "formas substanciais", que lhe tinham permitido ultrapassar a definição cartesiana de matéria inerte.

O movimento é a partida inerente à matéria e esta mostra-se capaz, por si própria, de auto-organização. La Mettrie inicia o *Homem-Máquina* voltando a colocar a sempre presente questão da relação corpo-alma. Desenvolve o seu pensamento a partir da classificação dos sistemas filosóficos que se debruçam sobre a alma humana, considerando que se resumem a dois: o primeiro, e mais antigo, é o materialismo; o segundo, o

espiritualismo. Refere-se ainda aos metafísicos que insinuaram o fato de a matéria ter a faculdade de pensar não desonrando a sua Razão. Questiona o porquê.

[...] Por que? É que eles têm uma vantagem, [...] a de se terem exprimido mal. Com efeito, perguntar se a matéria pode pensar, sem a considerar doutro modo que nela mesma, é perguntar se a matéria pode marcar as horas. Vê-se desde já que evitaremos este obstáculo onde o Sr. Locke teve a infelicidade de chocar [La Mettrie, 1966, p. 47-8].

La Mettrie retoma aqui um tema comum na discussão dos materialistas do século XVIII, o da passagem da matéria sensível à matéria pensante. Voltaire já tinha discutido a questão na "Treizième Lettre", de 1733, na qual assinalava: "Acreditou-se que Locke queria destruir a religião; no entanto, não se tratava de religião neste assunto; era uma questão puramente filosófica, muito independente da fé e da revelação; era apenas necessário examinar sem azedume se há contradição em dizer: a matéria pode pensar, e se Deus pode comunicar o pensamento à matéria" (Voltaire, 1961, p. 85).

Mas ímpio seria para Voltaire, considerar como algo impossível a Deus ter formado o Homem como matéria pensante porque, de qualquer forma, seremos sempre obrigados a confessar tanto a nossa ignorância como o poder imenso do Criador. Assim sendo, o pressuposto de Locke nunca poderia ser adverso à questão religiosa, muito pelo contrário, se necessário, poderia ser usado como prova do poder divino.

Filosoficamente, a questão poderia discutir-se afirmando anticartesianamente "eu sou corpo e penso" (Voltaire, 1961, p. 36) e admitir que para além disso nada sabemos. E não seria absurdo atribuir a uma causa desconhecida aquilo que se pode atribuir à única causa que se conhece? Voltaire admite que este seu argumento suscitaria de imediato respostas que tenderiam a provar que não há nos corpos senão extensão e solidez, por isso não pode haver senão movimento e figura. Ora, nenhum destes quatro atributos podem fazer um pensamento. O que, em síntese, equivaleria a dizer que não sendo possível conhecer a matéria, é possível reconhecer, ainda que com imperfeição, algumas das suas propriedades, mas como não se pode saber se estas podem ser acrescentadas ao pensamento, assegura-se então que a matéria não pode pensar.

Voltaire (1961, p. 36) termina o seu raciocínio imaginando como Locke responderia a estes argumentos, simulando um diálogo, em que este afirma: "Confessem pelo menos que vocês são tão ignorantes quanto eu; nem a vossa imaginação nem a minha podem conceber como um corpo tem idéias; e compreendem vocês melhor como uma substância, enquanto tal, tem idéias? Vocês não concebem nem a matéria nem o espírito; como ousam assegurar qualquer coisa?".

La Mettrie não dá ênfase a esta questão. Para ele é evidente que não é a matéria que pensa, mas sim seres materiais dotados de uma constituição e de uma organização determinada e, sobretudo, de um cérebro. Igualmente não é a matéria que indica as

horas, mas sim um relógio. Continuando a sua análise acerca dos dois sistemas filosóficos referidos, La Mettrie considera que as respostas dadas pelo Espiritualismo encontram a sua melhor expressão em Descartes e em todos os cartesianos que tentam definir um ser cuja natureza é absolutamente desconhecida e que "admitiram duas substâncias distintas no Homem como se as tivessem visto e bem contado" (La Mettrie, 1966, p. 48).

Mas em qualquer sistema de pensamento, a conclusão só pode ser uma: "A experiência e a observação devem ser os únicos guias" (La Mettrie, 1987, p. 53). Para La Mettrie, só os médicos que foram filósofos souberam percorrer e esclarecer o labirinto do Homem e apenas eles puderam conhecer a Alma humana e tantas e tantas vezes se surpreenderam, tanto com a sua miséria quanto com a sua grandeza. Serão então os médicos como físicos os únicos a terem o direito de falar sobre a Alma, direito que recusa a qualquer outro, sobretudo aos teólogos dizendo: "Não é ridículo ouvi-los decidir sem pudor, sobre um assunto que eles não estiveram de modo nenhum à altura de conhecer, do qual foram, pelo contrário, inteiramente desviados por estudos obscuros que os conduziram a mil preconceitos e, para tudo dizer numa palavra, ao fanatismo, que se junta ainda à sua ignorância sobre o mecanismo dos corpos?" (La Mettrie, 1987, p. 53-4).

O Homem é, para La Mettrie, uma máquina tão bem montada que só a *posteriori* se pode esclarecer a Alma, isto é, só através dos órgãos do corpo se pode descobrir com maior grau de probabilidade, nunca com evidência, a própria natureza do Homem. Lembra, para exemplificar, como nas doenças tão depressa a alma se eclipsa e não mostra nenhum sinal dela mesma, como redobra de intensidade e de um tolo pode fazer um Homem de espírito, ou do melhor gênio fazer um imbecil. Disserta também sobre as desilusões dos amputados, dos paráliticos, para concluir que isto se deve apenas à "memória das suas antigas sensações e do local com que a Alma as relacionava" (La Mettrie, 1987, p. 56).

Os diferentes tipos de personalidade são assim explicados: Que seria necessário a Canus Julius, a Sêneca ou a Petrônio para mudar a sua intrepidez em pusilanimidade ou poltroneria? Uma obstrução no baço, no fígado, um embaraço na artéria aorta. Por quê? Porque a imaginação fecha-se com as vísceras e daí nascem todos estes singulares fenômenos de afeição histérica e hipocondríaca.

Os efeitos do sono, dos sonhos, do ópio, do café, do álcool, da fome, sobre a Alma, são também analisados e o levam a concluir que o "corpo humano é uma máquina que monta ela mesma as suas energias; imagem viva do movimento perpétuo. Os alimentos mantêm o que a febre excita. Sem eles a Alma enfraquece, entra em furor e morre abatida. [...] mas alimentem o corpo [...] então a Alma [...] arma-se de uma orgulhosa coragem" (La Mettrie, 1987).

No entender do filósofo, de acordo com o tipo de alimentação ingerida pelo homem, se produziriam em sua Alma o orgulho, o ódio, a indocilidade e outros senti-



mentos que alteram o caráter e, nesse particular, acompanhou-lhe o pensamento Rousseau, em *Émile, ou de l'éducation* em 1762.

La Mettrie mostra, por estes exemplos, como os estados da alma correspondem, sempre, aos do corpo, numa unidade do moral e do físico. Há uma alteração sistemática do psíquico, sempre que se produz uma alteração física. As doenças, o sono, as necessidades satisfeitas, ou exacerbadas, as drogas, tudo isso contribui para arruinar a pretensa supremacia da alma. Suas palavras denotam este seu pensamento: "O Homem é de todos os animais o que tem mais cérebro e o cérebro mais tortuoso em função da massa do seu corpo" (La Mettrie, 1987, p. 69).

O autor não admite alterações funcionais da inteligência sem lesões materiais, se atentarmos ao estado do desenvolvimento científico à data da publicação da obra – 1748. Nela demonstra, nesta incursão pela anatomia comparada, que não excluiu que os animais sejam privados de linguagem e desprovidos de toda a sagacidade. Reporta-se à origem do Homem, quando ainda não tinha imaginação e talvez fosse como um macaco. Os instintos, primeiro, a inteligência, em seguida, respondem, de modo semelhante, o Homem e o animal, de acordo com as necessidades que sucessivamente têm que satisfazer. Há um único reino, com graus sucessivamente alcançados, na passagem do animal ao Homem. La Mettrie se interessou pelas semelhanças entre ambos, afirmando que a definição de Homem, como ser racional, não passa de um acidente e que o mecanismo de linguagem não era específico do Homem, e que se tentássemos fazer um antropóide falar, segundo o método de ensino a surdos, o resultado seria satisfatório. Ele assim se expressa: "Seria absolutamente impossível ensinar uma língua a este animal? Não o creio" (La Mettrie, 1987, p. 73). "[...] A mesma mecânica que abre o canal de Eustáquio nos surdos não poderá desobstruí-lo nos macacos" (La Mettrie, 1987, p. 77). "[...] A semelhança das estruturas e das operações é tal que quase não duvido que se fosse possível exercitar perfeitamente este animal, se alcançaria o objetivo de ensinar a pronunciar e conseqüentemente a saber uma língua [...] Dos animais ao Homem a transição não é violenta" (La Mettrie, 1987, p. 78).

Não há por isso um hiato entre o animal e o Homem. Este apenas apresenta um grau superior de organização devido à complexidade de seus órgãos, exprimindo-se esta superioridade por duas faculdades que foi desenvolvendo ao longo dos séculos, e nas quais reside a sua superioridade, a palavra, a imaginação. Contudo não sustenta que um macaco poderia igualar o Homem se fosse possível ensiná-lo a falar, uma vez que possui, como todos os animais, capacidade para pensar e exprimir sentimentos. Todo este paralelismo entre o Homem e o animal aponta para a retomada das teses cartesianas, do animal-máquina, com o objetivo de provar que se o animal é uma máquina, o Homem também o é, apenas comportando uma melhor organização e aperfeiçoamento. Assim, pouco a pouco, La Mettrie reintroduz pela via de um paralelismo unicamente experimen-



tal uma concepção de organismo totalmente materialista e próxima do mecanismo cartesiano. E assim procedendo, parece sentir-se por isso obrigado a reabilitar Descartes, porque assim se pronuncia:

Não menos justo que eu faça aqui uma autêntica réparação a este grande Homem. [...] É verdade que este célebre filósofo se enganou muito e isso ninguém negará. Mas enfim ele conheceu a Natureza animal, foi o primeiro a demonstrar que os animais eram puras máquinas. Ora depois de uma descoberta desta importância e que supõe tanta sagacidade, o menos sem ingratidão era não trocar de todos os seus erros. Eles estão aos meus olhos todos reparados por esta grande declaração. Porque enfim, seja o que for que ele diga sobre a distinção das duas substâncias, é visível que isso não é senão um modo de contornar, um artifício de estilo, para fazer engolir os teólogos um veneno escondido à sombra de uma analogia que toca todo o mundo e que apenas eles não vêm [La Mettrie, 1987, pp. 147-48].

Declarando que o Homem é uma máquina, La Mettrie situa-se aparentemente na linha das teorias cartesianas sobre os animais-máquinas, o que significava máquinas físicas, sem consistência nem sentimento. No caso dos animais, Descartes acreditava que o modelo da máquina bastava para explicar o comportamento observável no animal. Segundo esta teoria, o animal não é mais que puro autômato e mecânico. Mas, havendo o Animal-Máquina por que não existiria o Homem-Máquina? Por que razão, como proporia La Mettrie, não podemos supor que todos os comportamentos humanos podem ser explicados por princípios mecânicos em função da "disposição dos órgãos internos?"

Parece-nos, contudo, que o sentido com que La Mettrie usa a palavra máquina não é o mesmo que aparece no discurso cartesiano. A máquina em La Mettrie, quer se trate do Homem, ou do Animal, é um ser vivo, no qual todas as faculdades se explicam pela sua organização material. Fundamentando-se nas descobertas científicas da sua época, La Mettrie considera que cada parte do corpo tem a sua estrutura própria, o que lhe permite agir e funcionar sem o todo. Todas as ações do organismo como um todo são, portanto, devidas às combinações dessas ações de cada parte. Foi esta dimensão psico-fisiológica que faltou ao conceito cartesiano da máquina.

Nesse entendimento, tanto o Homem como o animal poderiam ser completamente explicados pela matéria em movimento e, portanto, por leis mecânicas. O próprio título da obra "Homem-Máquina", parece indicar que há uma intenção do autor de se ligar à filosofia de Descartes, não apenas no título, como nas passagens diante das quais nos deparamos, chegando ao ponto de criticar a sua própria hostilidade com Descartes no *Tratado da Alma*, quando este recusa todo sentimento e toda a faculdade de sentir dos animais.

La Mettrie argumenta que para decidir se os animais, que de modo algum falam, receberam a Lei Moral, é necessário reportarmo-nos a estes sinais sensíveis e exteriores

que também se observam nos Homens em idênticas circunstâncias e exemplifica com o caso de um cão que morde o dono mas que no momento seguinte fica triste e humilhado, e que seria exatamente a conduta que uma criança teria em idêntica situação. Se admitirmos o arrependimento na criança, teremos também que o admitir no animal. Então de onde vem a Lei Moral? Também nos Homens ela não é tão universal como se supõe porque há inúmeros casos, ainda que se possam considerar do foro patológico, de vícios e crimes, que atestam o seu desaparecimento. Há vícios e virtudes hereditárias que passam de pais para filhos, o que torna os seus portadores involuntariamente responsáveis.

Mas o crime para La Mettrie traz consigo o castigo e, para o filósofo,

[...] quem atormenta os Homens é atormentado por ele próprio e os males que sentirá serão a justa medida daqueles que ele terá feito [...]. Por outro lado há tanto prazer em fazer o bem [...] tanto contentamento em praticar a virtude, em ser doce, humano, carinhoso, generoso (essa única palavra encerra todas as virtudes) que eu considero suficientemente punido àquele que teve a infelicidade de não ter nascido virtuoso [La Mettrie, 1987, p. 98].

E prossegue: "Não fomos feitos originalmente para sermos sábios [...] a natureza criou-nos a todos unicamente para sermos felizes, sim todos desde o verme que rasteja até a águia que se perde no Céu. É por isso que ela deu a todos os animais uma porção da Lei Natural" (La Mettrie, 1987, p. 108). Como definir então a Lei Moral? Para La Mettrie ela não é mais que um sentimento íntimo que nos ensina o que não devemos fazer, aquilo que não queremos que nos façam. Este sentimento pertence-nos como qualquer outro e conseqüentemente não supõe a Educação, a Revelação ou um Legislador. Seria uma espécie de instinto de autopreservação que protege as espécies contra a destruição pelos seus próprios membros.

Assim, quando a Lei Moral surge-nos como um fato de ordem psicológica, para La Mettrie sua origem é no biológico. Submete-se assim a Moral ao determinismo biológico. A verdadeira moral será fundada na Natureza e em La Mettrie isso se verifica tanto nos animais como no Homem. Colocada a questão de um ser supremo e da Revelação a propósito da fundamentação da Lei Moral, considera que o maior grau de probabilidade é para esta hipótese, mas não é a Lei Moral que prova a existência de Deus, porque se a "Religião não supõe a exata probidade, as mesmas razões autorizam a pensar que o ateísmo não a exclui" (La Mettrie, 1987, p. 111). Também a presença do Homem na Terra nada prova acerca da existência de Deus. Mas para ele é inútil tentar chegar à origem das coisas. "É igual, por outro lado, para nosso repouso, que a matéria seja eterna ou que tenha sido criada, que haja Deus ou que ele não exista. Que loucura, tanto se atormentar por aquilo que é impossível conhecer" (La Mettrie, 1987, p. 111).

As novas descobertas científicas revelam a La Mettrie uma Natureza mais complexa e mais rica do que ele poderia supor três anos antes, quando escreveu o *Tratado da*

*Alma*. Mostram que a Natureza possui em si o seu próprio dinamismo e conseqüentemente uma atividade e uma energia muito próprias. Assim concebida, a Natureza já não manifesta qualquer desígnio providencial, porque, ao extrair de si própria a energia nela contida, existe segundo a sua própria necessidade. Apresenta-se portanto como a unidade dos mais diversos fenômenos, entre os quais o Homem, que é parte integrante do Universo. Afasta também, de uma forma definitiva a existência de causas finais dizendo:

Porque escutamos ainda os naturalistas eles nos dirão que as mesmas causas que nas mãos de um químico e pelo acaso das diversas misturas fizeram o primeiro espelho, mas da Natureza fizeram a água pura [...] que o movimento que conserva o mundo pôde criá-lo, que cada corpo tomou o lugar que a sua Natureza lhe destinou, que o Ar deve ter envolvido a Terra pela mesma razão que o ferro e os outros metais são obras das suas entranhas, que o sol é uma produção tão natural como a da eletricidade que não foi mais feito para aquecer a Terra e todos os seus habitantes [...] do que a chuva para fazer crescer os grãos [La Mettrie, 1987, pp. 116-17].

E por último, vejamos a questão da Alma. Para La Mettrie, todas as "faculdades da Alma dependem de tal forma da organização do cérebro e de todo o corpo, que são apenas visivelmente esta organização" (La Mettrie, 1987, p. 120). Assim, para ele, a Alma não seria senão uma palavra vã, da qual não temos a menor idéia e que pode apenas ser útil para designar a parte que pensa em nós.

La Mettrie apóia estas considerações sobre a Alma em dez experiências científicas, das quais destacamos as que mais parecem tê-lo marcado: sobre a irritabilidade do músculo e a sensibilidade dos nervos, feita por Haller, propriedades, que uma vez aceitas anulam a intervenção de um princípio motor espiritual, e também as experiências feitas por Trembley, com os célebres pólipos, em que se demonstra que estes, após terem sido seccionados, reproduzem-se em apenas oito dias, e em tantas quantas partes foram cortadas, e sobre estes exemplos conclui: "Eis muito mais fatos que o necessário para provar de uma maneira incontestável que cada pequena fibra, ou parte dos corpos organizados, se move por um princípio que lhe é próprio e cuja ação não depende de modo nenhum dos nervos, como os movimentos voluntários" (La Mettrie, 1987, pp. 124-25).

A alma seria, então, um princípio que, tendo a sua sede no cérebro, daria origem a todos os nossos sentimentos e pensamentos, princípio que não tem qualquer realidade própria, apenas existe como um efeito ou função de estruturas particulares da matéria. Abandonando o esquema Escolástico, também a doutrina das três almas é substituída pela da alma única à maneira de Descartes.

La Mettrie termina o *Homem-Máquina* dizendo: "Concluamos ousadamente que o Homem é uma máquina, e que não há em todo o Universo e senão uma única substância diversamente modificada" (La Mettrie, 1987, pp. 124-25).

E assim tentamos compreender o alcance das mudanças conceituais que se manifestam de uma obra para a outra. Todo o Classicismo presente no *Tratado da Alma* aparece substituído no *Homem-Máquina* pelos modelos Epistemológicos que as recentes descobertas científicas lhe proporcionaram e que tão bem soube interpretar e usar como suporte às suas teses. As diferenças de uma obra à outra serão apenas relativas às novas concepções científicas do Mundo, ou corresponderão a alterações estruturais?

## CONCLUSÃO

Para concluir, teremos ainda que precisar algumas questões, de acordo com o objetivo que nos propusemos no presente estudo, isto é, a explicação do conceito da matéria e a conseqüente concepção do Homem.

O aspecto essencial da explicação material que La Mettrie fornece acerca do Ser Humano é precisamente o conceito de matéria que a suporta. Ele próprio lhe dá um lugar de primeiro plano ao iniciar as duas obras referidas com a sua análise.

Partindo da concepção cartesiana, para a rejeitar, demonstra que a matéria não pode reduzir-se à extensão e ser inerte. Pelo contrário, limitando-se unicamente à observação, ele constata que a matéria possui a faculdade de se mover. É por isso um conceito de matéria dinâmica, que se manifesta, sendo-lhe dada uma determinada organização, a capacidade de sentir que é a matéria.

Depois de uma tentativa bastante confusa nos primeiros capítulos do *Tratamento da Alma* de teorizar sobre esta questão utilizando categorias escolásticas, La Mettrie renuncia a qualquer intenção de conhecer a essência da matéria.

Como ele próprio diz, nas últimas páginas do *Homem-Máquina*, "A natureza do movimento nos é tão desconhecida como a natureza da matéria. Não há meio de descobrir como se produz, a não ser que se ressuscite, como autor da 'História da Alma', a antiga e ininteligível doutrina das formas substanciais"(La Mettrie, 1987, p. 143).

Não encontramos mudanças significativas na essência dos objetivos de La Mettrie. Assim, para além das aparentes diferenças, as questões essenciais permanecem constantes, a saber: a) a unidade de todos os fenômenos observáveis: físicos, morais e sociais e a conseqüente ligação comum a esta entidade, que se chama Natureza; b) o objetivo de um aprofundamento e desenvolvimento da concepção materialista do Ser Humano e c) uma explicação material das faculdades intelectuais, assim como a possibilidade de explicar o Homem, unicamente pela matéria.

Tentando uma aproximação com o que se tem discutido na atualidade acerca de corpo/corporeidade, parece-nos interessante conhecer o pensamento de um filósofo pouco difundido entre nós. Seu ponto de vista sobre a explicação do homem pela matéria,

reabilitando Descartes após um contundente distanciamento, leva-nos a considerar que há muito ainda para percorrer, se quisermos ultrapassar a barreira do dualismo cartesiano.

Remetemos à análise do pensamento de La Mettrie aos escritos de Romero (1993) para afirmar que é preciso mudar a imagem que se fez da educação física e de seu profissional, como devedores dos favores e préstimos da medicina. Essa mudança não se efetiva apenas por decreto ou por reforma curricular. Se o século das Luzes, que foi o cenário vivido pelo nosso personagem, distinguiu-se por uma consciência coletiva, não seria utópico esperar que a educação física, considerada como prática social pedagógica, paulatinamente fosse entendida e vinculada à visão dualista de corpo. É necessário que se tenha uma mudança de mentalidade e de práxis educativa, a partir de uma conscientização corporal e, nesta mudança, urge um pensamento uníssono em torno de um objeto: o HOMEM, vendo-o na sua totalidade, na sua corporeidade. E na esteira de Merleau Ponty, lembrar: "eu sou o meu corpo como forma de presença no mundo!", portanto, numa trilha oposta à de La Mettrie.

From "Treaty of the soul" to "The machine man" the possibility of explaining the man only through material

*ABSTRACT: This documentary research was done in order to analyse La Mettrie's thoughts, which supported the explanation of man purely by material. These analysis were focused on some of his works as, "Traité de L'ame" (Treaty of the soul) and "L'homme Machine" (The machine man). For this reason researches were done in foreign languages as the mentioned author isn't well-known nationally, and, up to the present moment, there are no evidences that any other previous researches were done on Aufklärung's philosopher, in the institute for those who are interested in the matter.*

*KEY-WORDS: mecanicism; l'homme machine; motricity; epistemology*

Del "tratado del alma" al "hombre-máquina". La posibilidad de explicación del hombre unicamente por la materia

*RESUMEN: El objetivo de esta investigación documental fue analizar el pensamiento de La Mettrie, que sostenía la explicación del hombre unicamente por la matéria. El análisis ha centrado sus atenciones en sus libros, Traité de l'âme (Tratado del Alma) y el L'Homme Machine (El Hombre-Máquina). Con ese objetivo, fue hecha una incursión por la literatura extranjera por se tratar de un autor muy poco conocido en el Brasil porque, hasta el presente momento, después de búsquedas en distintas fuentes de consulta brasileña nada fue encontrado sobre este filósofo del Aufklärung, que intentase auxiliar aquellos que tienen interes por la temática del cuerpo/corporeidad.*

*PALABRAS CLAVES: mecanicismo; hombre-máquina; motricidad; epistemología*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, O. *Epistémologie et matérialisme*. Paris: Meridiens, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O materialismo*. Lisboa: Europa-América, 1987.
- CALLOT, E. *La philosophie de la vie au XVIII siècle*. Paris: Rivière et Cie, 1965.
- CASSIRER, E. *La philosophie des Lumières*. Paris: Fayard, 1932.
- DESNÉ, R. *Os materialistas franceses*. Lisboa: Seara Nova, 1969.
- LA METTRIE, J. O. *L'Homme machine*. Holand: Jean Jacques Pauvert, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres philosophiques*. Paris: Fayard, 1987.
- NAVILLE, P. *D'Holbach et la philosophie scientifique au XVIII siècle*. Paris: Galimard, 1967.
- PLÉKHANOV, G. *Ensaio sobre a história do materialismo*. Lisboa: Estampa, 1973.
- ROMERO, E. O corpo no século XVIII: elementos para compreensão das atividades corporais e redimensionamento de uma práxis na passagem para o 3º milênio. In: FERREIRA NETO (Org.). *Ensaio: educação física e esporte*. Vitória: Centro de Educação Física e Desporto da UFES, 1993, p. 141-86.
- ROUSSEAU, J.-J. *Émile ou de l'éducation*. Paris: Flammarion, 1966.
- SOURY, J. *Bréviaire de l'histoire du matérialisme*. Paris: G. Chapentier, 1981.
- VERIÈRE, P. *Spinoza et la pensée française avant la révolution*. Paris: PUF, 1982.
- VOLTAIRE. *Lettres philosophiques*. Paris: Flammarion, 1961.